

**OS DISCURSOS CONSTRUÍDOS HISTORICAMENTE NO
CAMPO PATRIMONIAL A PARTIR DE DOIS MONUMENTOS
ERIGIDOS NA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA (BA):
O MONUMENTO AOS BANDEIRANTES E O MONUMENTO AOS ÍNDIOS**

Gerlane Morais¹

Vera Dodebei²

Evelyn Orrico³

Resumo: Discute o processo de construção da memória social a partir dos discursos que se circunscrevem em torno de dois monumentos da cidade de Vitória da Conquista, BA: o monumento em homenagem aos bandeirantes e o monumento em homenagem aos índios. Numa perspectiva histórica discursiva analisamos a relação entre a sociedade urbana e a memória social a partir da promoção das imagens públicas. Para tal, apropriamo-nos de um quadro teórico-conceitual interdisciplinar, no qual tecemos algumas reflexões a partir do pensamento de autores como Halbwachs, Pollak, Paulo Knauss, Dodebei, entre outros, buscando compreender a construção social da memória articulada a partir de um processo histórico e político que tem no campo do discurso patrimonial cidadão uma de suas bases legitimadoras. Finalizando, o texto se propõe a uma reflexão sobre o domínio patrimonial em que a polifonia discursiva atravessa o campo histórico e político, no qual a cidade apresenta contradições, conflitos, apropriações, rupturas e continuidades como fenômeno de construção tanto da história quanto da memória social.

Palavras -chave: História, Discursos, Memória social, Patrimônio Cultural, Vitória da Conquista

Abstract: It discusses the process of social memory construction from the speeches around two monuments of the city of Vitória da Conquista, Bahia, Brazil: the monument in honor to the pioneers and the monument in honor to the indians. In a discursive historical perspective, we analyzed the relationship between the urban society and the social memory starting from the promotion of the public images. From an interdisciplinary theoretical-conceptual approach, we used reflections starting from the authors' thought as Halbwachs, Pollak, Paulo Knauss, Dodebei, among other. Concluding, the text intends to understand the patrimonial domain in a discursive polyphony, crossing the historical and the political fields, in which the city presents some contradictions, conflicts, appropriations, ruptures and continuities as a phenomenon of both history and social memory construction.

Key-words: History, Discourses, Social memory, Cultural Heritage, Vitória da Conquista

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

² Professora do Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

³ Professora do Curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

ANTECEDENTES

O processo de conquista e domínio do *Sertão da Ressaca*⁴ ocorreu no século XVIII, e durou cerca de 30 anos. Esses anos foram de conflitos e guerra entre os bandeirantes⁵ e os índios⁶ que habitavam aquela região. Em 1730, Pedro Leolino Mariz⁷ escreve uma carta endereçada a João da Silva Guimarães e o felicita por ter alcançado êxito em sua expedição pelo sertão da Bahia:

Tendo Vossa Mercê conseguido a maior felicidade, que poderá apetecer a sua ambição, e meu sentir, tem Vossa Mercê feito o maior serviço que outro algum outro vassalo lhe podia fazer no tempo presente neste Estado do Brasil, pois franqueou o famoso Rio, e livres do obstáculo, que nos foi o numeroso gentio, podemos estabelecer uma nova colônia, e aproveitarmos dos ricos tesouros que encobrem estes sertões, e só desta maneira expungir as lágrimas de tanto povo, que pela declinação das Minas Gerais está reduzido ao extremo de lastimosa miséria (Código nº I-8, 2, 38 *apud* MEDEIROS, 1996: 92) (grifos nossos).

Alguns aspectos do fragmento acima nos parecem relevantes na medida em que contextualizam o enunciado⁸: primeiro, o bandeirante é felicitado por ter conseguido entrar no sertão, dominado o rio e dizimado os índios. A felicitação tem um suporte fundamentado na conquista e no domínio da região pelo bandeirante, pois essa região seria um recurso para amenizar as dificuldades de Minas Novas, situada em Minas Gerais, que passava por estagnação em suas reservas de ouro. Ainda a partir desse fragmento discursivo, podemos traçar um perfil aproximado do bandeirante como um herói. Inicialmente ele é exaltado: “tem Vossa Mercê feito o maior serviço que outro algum outro vassalo lhe podia fazer no tempo presente neste Estado do Brasil”. A expressão “o maior serviço” é um indicativo de que o bandeirante realizou um feito grandioso, contribuindo de maneira decisiva para satisfazer as necessidades da colônia. Não era qualquer serviço, mas “o maior” deles. Aqui também podemos perceber o sentido de glória que é um atributo, a rigor, ligado ao poder decorrente de feitos memoráveis inerentes aos heróis.

Outro indicativo afirmativo da figura heróica é o termo “vassalo”, que se liga ao atributo de prestígio e de honra e, nesse sentido, alcança um significado mais amplo, tendo em vista demonstrar um tipo de compromisso assumido pelo bandeirante perante a Coroa

⁴ *Sertão da Ressaca* é uma faixa de terra situada na região Centro-Sul da Bahia, conhecida hoje por Planalto de Vitória da Conquista.

⁵ João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa.

⁶ Naquela região, os índios que predominavam eram da tribo dos Mongoiós.

⁷ Pedro Mariz era intendente de Minas Novas (Minas Gerais), região de onde partiram as expedições que conquistaram parte do sertão da Bahia.

⁸ A concepção teórica e metodológica que trabalhamos nesse artigo refere-se a Análise do Discurso (AD) de tradição francesa, postulada por Michel Pêcheux

Portuguesa. Sabe-se que a prática de vassalagem se constituía num fenômeno comum ao mundo medievo e que não chegou ao Brasil. No entanto, é importante perceber uma aproximação no plano da representação que liga a figura de João da Silva Guimarães à figura dos nobres que mantinham esse tipo de relação com os reis e senhores feudais da aristocracia europeia medieval.

Um ofício do governador interino da Bahia para Martinho de Mello e Castro, secretário da Marinha e Ultramar, sobre a Comarca de Ilhéus, relata um empreendimento dirigido por João Gonçalves da Costa⁹, ressaltando os atributos que o caracterizam e o aproximam dos desbravadores paulistas, mas um atributo em especial diferenciava Gonçalves dos bandeirantes paulistas: a falta de ambição.

Para este grandioso trabalho e projeto se lhe apresento João Gonçalves da Costa, povoador do referido Sertão da Ressaca, homem natural de Chaves, com valor e espírito dos antigos paulistas e sem ambição; a ele distribuiu o governador as ordens e ele foi que teve a paciência e a constância de se manter pelas ásperas matas, serras alagadiças que pelo espaço de 80 ou mais léguas se interpõem. [...] (ALMEIDA: 1703) (grifos nossos).

A primeira caracterização heróica de Gonçalves tem o suporte de sustentação na aproximação da figura dele com a figura dos bandeirantes paulistas pelo valor e pelo espírito. Esses dois atributos são qualidades que incorporam preceitos importantes ligados às demandas políticas e econômicas da Coroa Portuguesa. Mas um atributo em especial destaca Gonçalves dos bandeirantes paulistas: a falta de ambição. Além dessas virtudes e qualidades, Gonçalves ainda possui dois atributos: a paciência e a constância. Posto que persistiu na conquista da região por 30 anos.

Uma leitura acerca dos embates e lutas travadas entre os índios e os bandeirantes nos permite refletir sobre a construção de uma memória social no que confere à relação entre os esses dois grupos de agentes sociais. É, pois, a partir da designação¹⁰ atribuída aos índios, pelas fontes pesquisadas, que encontramos alguns adjetivos recorrentes tais como: feroz, bárbaro e valente. Esses adjetivos se transformam em atributos que enaltecem os bandeirantes, pois os termos se constituem numa base de sustentação para construir uma memória heróica de Guimarães e de João Gonçalves.

⁹ Segundo a tradição, Gonçalves teria visto Nossa Senhora das Vitórias no momento da última batalha entre os índios e os portugueses. A santa teria dado a vitória aos portugueses em troca de uma promessa feita por Gonçalves: erguer uma igreja para ela no lugar da tribo dos Mongoiós. Vencida a batalha final no Sertão, Gonçalves cumpre a promessa.

¹⁰ Trabalhamos o termo designação na perspectiva de RAJAGOPALAN, Kananili. Em a arma secreta, porém, incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In: _____ *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editora, 2003.

Uma batalha descrita por João Gonçalves da Costa em *Couro D' anta* nos retrata esta afirmação que ora apontamos. Essa batalha, segundo a fonte consultada, teria acontecido no século XVIII:

[...] e no repentino encontro destro flechavam os Botocudos a um soldado português muito destro e valoroso, o qual se havia adiantado alguma coisa do corpo da tropa [...] os oficiais e mais soldados, sentindo aquela comum desgraça determinaram marchar sobre aqueles bárbaros, que se tinham já retirado [...] os bárbaros botocudos e ferozes, sem temor do estrondo das armas e belicoso tambor, e valorosos, fizeram a mais considerável resistência, e postos por detrás dos paus se defendiam de alguns tiros que quase ao montão se davam: eles com as mulheres e seus lados, e carregadas de flechas, iam distribuindo-as aos homens, para que com maior presteza fizessem seus tiros, de sorte, que, com a grande multidão de flechas fizeram 3 soldados feridos; o que visto pelo intrépido capitão Raimundo, puxando a espada, investiu temerariamente aos inimigos para os passar ao fio da mesma espada, mas os bárbaros não esperaram, antes abandonando seus ranchos e pousadas, se puseram em fuga (Anais da Biblioteca Nacional, XVIII: 456)¹¹ (grifos nossos).

No trecho acima, há uma referência ao destemor dos índios para com as armas de fogo. Nesse discurso, os índios resistiam às armas de fogo quando Raimundo, filho de Gonçalves, em situação de igualdade de condição bélica com os índios, isto é, com uma espada, triunfou sobre os inimigos, que em princípio eram destemidos, ferozes e valentes. O discurso enfatiza que, Raimundo, ao entrar em cena, causa medo os índios que saíram em fuga por temerem a coragem e a valentia do guerreiro.

Por volta do final do século XVIII, um discurso de superioridade dos portugueses e de seus descendentes em relação aos índios é legitimado do ponto de vista cultural. Encontramos uma construção textual que afirma essa evidência por um conjunto de atributos que perpassam um campo de valores sociais, morais e religiosos. É nesse contexto que é construída uma memória social, na qual o bandeirante é apresentado como um herói, cristão e civilizador.

O Jornal, Diário do Sudoeste de Vitória da Conquista, do dia 09 de novembro de 1998, em edição especial sobre a história da cidade traz uma referência sobre uma tradição que reafirma a condição do bandeirante como herói, cristão e civilizador.¹²

[...] No ano de 1772, o desbravador João da Silva Guimarães, depois de vitórias na região do Rio Pardo, contra os índios Pataxós e Botocudos, chega ao território do atual município de Conquista [...] trava intensa batalha contra os índios Imborés e Mongoiós [...]. Em um outro combate, em 1772, diz a história que os soldados já se deixavam abater por serem em menor número que os guerreiros indígenas, quando, lá pela madrugada, João da Silva Guimarães provoca os brios de seus homens, invocando a proteção de Nossa Senhora das Vitórias. Com novo ânimo, os soldados investem contra os índios numa luta corpo-a-corpo, usando armas brancas e facões. A vitória final é alçada na própria aldeia indígena, local onde veio a ser construída a Praça da República. (Jornal Diário do Sudoeste, 1998: 1-2) (grifos nossos).

¹¹ Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, p. 456.

¹² É importante ressaltar, que o jornal pode ter cometido um equívoco em relação ao nome do bandeirante, pois nas referências que pesquisamos consta o nome de Gonçalves da Costa como articulador da promessa feita à santa em nome da vitória contra os índios, e não Guimarães.

O sujeito do discurso começa a narrar o momento da luta entre os bandeirantes e os índios sob o ângulo que se incorpora à tradição da interferência da santa na guerra¹³. Na sequência, para melhor pontuar a guerra em favor dos portugueses, o sujeito enfatiza o modo como se deu a guerra: os portugueses estavam com armas brancas em situação de igualdade com os índios.¹⁴ Esses discursos constroem sentidos que vão sedimentar uma relação de complementaridade entre a memória religiosa e a memória laica. Embora o discurso transite entre as duas memórias, a política e a religiosa, evidencia-se aqui um caráter mais político do que religioso. Isso nos é possível de verificar na narrativa da luta entre os índios e os portugueses, pois é deixado à santa um papel apenas de coadjuvante, como um pretexto utilizado pelo herói bandeirante para provocar o brio de seus combatentes.

O jornal como uma instituição portadora de legitimidade em seus discursos se constitui num mecanismo social transmissor de informações e estabelece sentidos e significados, que constroem uma pretensa realidade social. Ainda segundo Orlandi (2005), o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas que se apresentam nos contextos dos processos sócio-históricos em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.

O MONUMENTO ERIGIDO EM HOMENAGEM AOS BANDEIRANTES

Em Vitória da Conquista, um monumento em homenagem aos bandeirantes João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa foi edificado no dia 13 de novembro de 1940, quando se comemorava o centenário da emancipação política da cidade. Aníbal Lopes Viana registrou, na *Revista Histórica de Conquista*, algumas considerações, sobre o discurso que o prefeito Régis Pacheco teria pronunciado, na inauguração do monumento.

O monumento inaugurado com aplaudido discurso do prefeito Régis Pacheco, que historiou com detalhes as inolvidáveis figuras dos bandeirantes João da Silva Guimarães, mestre de campo, e do Cel. de Milícias João Gonçalves, os fundadores da cidade, foi merecida homenagem aos bravos conquistadores de índios, perpetuando-se as suas memórias (VIANA, 1985: 511) (grifos nossos).

¹³ Como já pontuamos anteriormente, segundo a tradição, Nossa Senhora das Vitórias teria aparecido para Gonçalves durante o conflito final entre os índios e os portugueses. O bandeirante teria feito uma promessa de erguer uma igreja para a santa, caso ele vencesse os índios. Vencida a guerra, Gonçalves ergueu uma igreja para a santa, onde outrora era situada a tribo dos Mongoiós.

¹⁴ É importante salientar, de acordo com a historiografia que trata do tema, que o número de índios era três vezes maior do que o número de soldados.

Aspectos importantes podem ser destacados no texto do jornalista: primeiro, ele legitima o evento em função de ter uma autoridade municipal presente; segundo, o pronunciamento do discurso de tal autoridade teria a plena conviência da sociedade local em função dos aplausos que foram dedicados ao discurso proferido pelo orador; terceiro, a designação que tangencia os bandeirantes [bravos / conquistadores] é uma referência recorrente na documentação que encontramos sobre esses bandeirantes. Por fim, a consagração do monumento é um elemento que integra a intenção de perpetuação e organização das memórias dos dois agentes sociais, João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa. Apropriando-nos das ideias do pesquisador Paulo Knauss, podemos dizer que, é nessa promoção da imagem social e política dos fundadores da cidade que se estabelece o vínculo de gratidão da sociedade para com o Estado, cuja promoção maior se fundamenta em fortalecer uma identidade nacional unívoca.

Esse monumento de caráter intencional nos permite analisar o processo de construção da memória social que foi forjado ao longo do tempo histórico pela imagem dos bandeirantes como heróis desbravadores do território nacional. Aqui se cruzam as histórias regional e nacional. Nesse sentido, o que fica evidenciado a partir da edificação dos monumentos aos bandeirantes na cidade de Vitória da Conquista é uma tentativa de consolidação e afirmação da memória regional pelo viés da construção de identidades nacionais, que estariam reafirmadas a partir do patrimônio cultural que se sedimentou a partir do modelo conceitual de 1937, na construção de uma identidade comum homogênea.

Tendo em vista as reflexões propostas pelo sociólogo Maurice Halbwachs (2006), a identidade é construída e reforçada pela memória a partir dos laços de coesão social e de pertencimento grupal com base nas lembranças fortalecidas graças às narrativas, que, por sua vez, fundamentam-se por meio das comemorações públicas de acontecimentos que marcaram a história coletiva. Assim, é forjada uma identidade nacional na cidade de Vitória da Conquista cujo suporte de referência é a história de domínio do sertão pelos bandeirantes.

No ano de 2000, a cidade de Vitória da Conquista completou 160 anos de emancipação política. Nesse momento de comemorações, emergem outros discursos. Segue um fragmento de jornal que diz respeito à fundação da cidade e tenciona traduzir uma memória coletiva:

Religiosidade faz parte do surgimento de Vitória da Conquista (enunciado do jornal *Diário do Sudoeste*. Novembro de 2000).

O município de Vitória da Conquista possui um forte aspecto religioso. Talvez isso se deva ao próprio surgimento da cidade e da fé de um bandeirante que dedicou a uma santa a sua vitória contra os índios mongoiós. Na verdade, foi a invocação ao

nome de Nossa Senhora das Vitórias que motivou os soldados a investir, até a vitória final, contra os índios. Segundo os historiadores, o mestre de campo João Guimarães prometeu que seria erguida uma capela dedicada à santa, o que se concretizou em 1803 (Jornal Diário do Sudoeste, 2000) (grifos nossos).

A partir da análise do texto, percebemos dois momentos distintos: o primeiro, quando o bandeirante dedica à santa a vitória sobre os índios; o segundo, quando ele reafirma essa vitória e se coloca em posição de gratidão. Nessa posição, o bandeirante cumpre a promessa de erguer a igreja para a santa. E um terceiro momento, que não está explícito no texto: a santa estava contra os índios, estando em favor dos portugueses.

O MONUMENTO ERIGIDO EM HOMENAGEM AOS ÍNDIOS

Nos *500 anos de Brasil* verificou-se uma grande mobilização em torno das raízes do Brasil. Naquele momento, os principais meios de comunicação anunciavam *slogans* comemorativos numa tentativa de valorização do passado. Foi num contexto de discussão política e cultural ligado às questões da cidadania, do direito à memória e da identidade nacional que foi edificado em Vitória da Conquista o monumento em homenagem aos índios. A peça foi financiada por um grupo social em parceria com o setor privado e entidades não governamentais.

Segue um fragmento de uma carta escrita pelo idealizador do projeto, André Cairo:

Por todos os ângulos, o monumento representa sempre o início, o meio e o fim. Se em uma extremidade nasce a flecha, no meio, ela toma impulso e, na outra extremidade, toma seu rumo certo. Se a flecha fincada no chão representa a derrota, sua ponta afiada para o céu representa a vitória e a imortalidade (CAIRO, 2007) (grifos nossos).

Essa descrição é um ponto de partida da análise da construção de outra memória social que se encontrava em zonas de silêncio. De acordo com Michael Pollack (1992), as memórias “subterrâneas” que se encontram nas sombras e no silêncio afloram em momentos de crise. Pela leitura da descrição do monumento, ele não representa a derrota final dos índios perante os portugueses. Ou seja, se os índios foram vencidos num determinado espaço físico. Porém, eles não perderam a batalha final sob dimensão da temporalidade. Nesses termos, a intenção do grupo social que edificou o monumento é resgatar a memória do índio e mantê-la viva. Essa memória se traduz pela força da resistência e da luta indígena na defesa do seu território. Assim, o sentido de exclusão, que em princípio se evidenciou na narrativa que

envolve a edificação do monumento ao índio, marca a promoção de grupos sociais na cidade, como nos aponta com muita propriedade Paulo Knauss. É a partir da edificação desse tipo de monumento que os grupos sociais se lançam nos espaços urbanos deixando sua marca (KNAUSS, 1999). Nesse sentido, colocando em evidência seus desejos de memórias.

O CAMPO DO DOMÍNIO PATRIMONIAL

No ano de 2000, a Igreja Católica, em Vitória da Conquista, apresenta um hino em louvor a Nossa Senhora das Vitórias (Padroeira da cidade). No hino, a memória dos índios é associada à memória religiosa numa construção contextualizada pelas comemorações dos *500 anos do Brasil*. Segue um fragmento do hino:

Serva Senhora humilde mulher / Mãe índia formosa do índio imboré / Histórias de sangue assim nos contou / Vitória Senhora do Libertador [...]. O sangue em rios e terra molhou / Sedentos tomaram bravos mongoiós / A gente guerreira lutou sem temor / Na vila Vitória contra o invasor
[...] De todos os cantos consagra teus filhos. Dos campos, cidades, caatinga e sertão Batalhas travadas aqui neste chão / Nos fazem agora pedir-te perdão (NEVES, 2000) (grifos nossos).

Do ponto de vista da AD, para analisarmos este fragmento acima, primeiro é necessário pensar sobre as condições de produção desse discurso. No ano de 2000, uma nova leitura da memória de fundação da cidade havia surgido do “subterrâneo” das zonas do silêncio e do esquecimento: a memória dos índios. É nesse momento que um padre compõe a letra do hino e se apropria de “fragmentos” de uma memória que estava em evidência naquele momento. Partindo desse contexto, o hino nos revela memórias coexistindo num campo social de contradições, conflitos, tensões, disputas, mas também de apropriações. A partir do hino, o grupo social hegemônico abre espaço para afirmar outras leituras da memória e incorpora a memória dos índios. No entanto, é necessário pontuar que a memória oficial da tradição (religiosa) se mantém, pois o hino traz permanências, ambiguidades e contradições em sua estrutura discursiva: a) A santa é “*Mãe*” *índia formosa do índio imboré* (mongoiós), tribo que, segundo a tradição, a santa ajudou a dizimar; b) *A gente guerreira lutou sem temor / Na vila Vitória contra o invasor*. Nesses versos, os índios são guerreiros, bravos e lutadores contra o bandeirante que se torna um invasor.

O que está em questão é a sobrevivência da memória oficial. Isso cria brechas para a memória se movimentar num campo de múltiplas possibilidades, pois o momento requer novas leituras que estão latentes.

[...] a memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisão, de disjunções, de deslocamentos e de retomada, de conflitos, de regularizações [...]. Um espaço de deslocamentos. Réplicas, polêmicas e contradiscursos (PÊCHEUX *apud* ROMÃO, 2003: 174).

Feita uma releitura da memória religiosa a partir do hino cria-se um campo polifônico que permite a própria sobrevivência da memória religiosa. Assim, é delineada momentaneamente ou não a estrutura que abre um leque de possibilidades: continuidades, rupturas e adaptações da história-narrativa de interferência da santa na fundação da cidade.

Retomando a análise do monumento em homenagem aos índios, podemos compreender que na conjuntura em que emerge o discurso dos *500 anos do Brasil*, a memória social dos índios ganha um espaço no campo simbólico. Nesse campo, atua a memória religiosa (que diz respeito a interferência da santa na guerra de conquista) e a memória laica forjada pela do Estado (que trata dos bandeirantes como heróis). Nesse sentido, quando nos deparamos com a construção discursiva em torno dos dois monumentos, podemos dizer que a partir do contexto de comemorações do ano de 2000, tanto o monumento em homenagem aos bandeirantes, quanto o monumento em homenagem aos índios ficam em evidência na história e na memória de fundação da cidade. Esses monumentos podem ser compreendidos como objetos vinculadores de leituras e informações que podem ser interpretadas a partir do contexto histórico em que eles produzem sentidos. Esses objetos públicos são instrumentos de poder e expressão tanto da história quanto da memória daquela sociedade.

Aloïs Riegl (1990), ao classificar os monumentos em categorias, expressa o sentido intencional do monumento histórico. De acordo com sua perspectiva, os monumentos intencionais seriam elaborados para serem lançados ao futuro como portadores de uma mensagem e, nesse sentido, carregariam um valor simbólico. Os monumentos históricos são definidos por Riegl como testemunhos históricos num domínio amplo, que diz respeito a um valor cognitivo sobre o passado.

Para Françoise Choay (2006), a compreensão do conceito de monumento está atrelada à compreensão da ideia de patrimônio. De acordo com a pesquisadora Vera Dodebei, o conceito de patrimônio “[...] deve ser compreendido como um conjunto de informações que caracterizam as ordens de significados dentro de um grupo, povo ou nação” (DODEBEI, 2005, p. 47). Conforme Dodebei, a questão da preservação do patrimônio deve ser uma decisão circunstancial contextualizada socialmente, o que hoje definimos como patrimônio

poderá deixar de sê-lo, pois a categoria patrimônio está ligada ao conceito de memória social que, por sua vez, não se dissocia da polarização entre lembrança e esquecimento.

Assim, pois, compreendemos que tanto o monumento em homenagem aos bandeirantes, quanto o monumento em homenagem aos índios se inscrevem numa perspectiva de valores históricos, políticos e intencionais. Ambos são objetos de poder e de desejos de memórias. Ainda que se apresentem numa perspectiva de memórias antagônicas, são representativos de um universo complementar: a memória e a história de fundação da cidade. Porém, é importante destacar que, esse quadro onde coexiste essa disputa de memória só é possível onde o campo do patrimônio cultural é apreendido como uma dimensão de escolhas democráticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. de C. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar. Anais da Biblioteca Nacional, Vol. XXXII. p. 473. Ofício do ex-governador da Bahia, Manuel Menezes da Cunha, para Martinho de Mello e Castro, sobre a capitania dos Ilhéus. Lisboa. 12 de agosto de 1780.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3ª ed. São Paulo. Edições Liberdade. UNESP, 2006.

DIÁRIO DO SUDOESTE. Religiosidade faz parte do surgimento de Vitória da Conquista. p. 4. Novembro de 2000.

_____. Vitória da Conquista, pp. 1-2 do dia 09 de Novembro de 1998.

DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.) *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

FONSÊCA, José Humberto (org). *História do Cotidiano no Planalto de Conquista*. Museu Regional de Vitória da Conquista / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Série: Memória Conquistense, 1998.

HALBWCHAS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006

KNAUSS, Paulo (coord.) *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 1999.

_____. *O Sorriso da Cidade: imagens urbanas e história política de Niterói*. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2003.

_____. *Imagens urbanas e poder simbólico: esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e de Niterói*. Niterói, UFF-PPGH. Doutorado em História, 1998.

MEDEIROS, R. H. A Edição crítica e anotada de TORRES, T.L. O Município da Vitória. Vitória da Conquista: Museu Regional da Vitória da Conquista / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PADRE, Neves Valmir. Hino em louvor a Nossa Senhora das Vitórias, 2000

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3 1989/3.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. Designação - a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In: _____. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

VIANA, Aníbal Lopes. *Revista histórica de Conquista*. Edição Jornal de Conquista, 1982.

WIED-NEUWIED, M. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo; Editora da USP, 1989.